

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:

ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B

PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

JAM TANDEM!

Vão-se dissipando os receios que, por muito tempo, houve de uma incursão de conspiradores. Vão desaparecendo as velleidades de muitos que, restituição de um regimen, que cahira de pódre, de um systema de governo envilecido por fraudes sem conta, por crimes sem exemplo, por vergonhas sem numero, por miserias sem precedentes, por delapidações sem castigo, por erros sem desculpa, por crimes sem punição. Fizeram-se as mais escuras negociatas, malbarataram-se os dinheiros do estado, déram-se logares a indignos, prevaricou-se em toda a linha e fartamente se beneficiaram os que tinham lampada accesa em qualquer dos partidos rotativos. Medraram as nulidades, porque se prestavam a descer á genuflexão aviltante, porque se não desdenhavam a lisongear vaidades balófas, porque se não envergonhavam de rastejar perante os idolos, ou manipansos, dos partidos. Predominavam as ventoinhas e moviam-se segundo o vento favoravel dos pingues logares, o abafarête de graves processos crimes. Personalidades, muito menos do que mediocres, chegaram aos mais elevados graus da hierarchia social, porque soubéram navegar com os ventos das suas conveniencias, jogaram com cartas conhecidas. Isto viu-se, e só não viu quem não tinha olhos de vêr.

Entremos, emfim, numa vida nova com processos novos. Se os vicios do passado ainda não fôram de todo extintos envidemos todos os nossos esforços para que o sejam no mais breve tempo; unamo-nos todos, porque a patria necessita do esforço de todos nós para progredir. Mostremos ás outras nações que queremos regenerar-nos pelo trabalho e por uma sã administração; que pretendemos adquirir um lugar de destaque no meio das nações cultas, logar que já tivemos em melhores tempos, mas que perdemos mercê de governos sem dignidade, de chefes de estado sem pundonor. Façamos todo o possível para que as nações possam dizer muito breve: até que emfim.

Mas para que isto se dê, pa-

ra que se atinja esta desejada méta urge acabar com as discordias que se levantaram entre os vultos primaciaes da republica; urge acabar com scições que enfraquecem o systema, que desprestigiam as instituições, que aviltam os homens e que enfadam o povo e podem levar o país a uma desgraçada situação. Transija cada grupo um pouco; repriam-se vaidades pessoas, e visto que todos querem o bem desta querida patria discuta-se serenamente, sem acrimonias, sem azêdumes, sem supremacias. No campo doutrinario, no campo dos principios devem ser bem vindos todos os que vem trazer as suas opiniões, as suas ideias; acceitem-se pois, essas opiniões e essas ideias e, passadas pelo crivo de uma discussão serena e imparcial, aproveite-se o que houver de bom, sem se procurar saber qual a sua proveniencia. Assim se fará politica sã, conscienciosa, util e dos mais proficuos resultados.

E' assim que devem proceder os homens de hoje; esta deve ser a linha de conducta dos dirigentes da republica. A nação só necessita de três partidos: o partido da lei, o partido da justiça e o partido da ordem. A nação quer a lei rigida, inalteravel e não a lei amoldada ás conveniencias; a nação quer a justiça de olhos vendados; — a nação quer a ordem em todos os ramos da administração, sem se importar com supremacias burocraticas. E' disto que a nação precisa para caminhar desafogadamente. Criar entraves, sejam de que natureza fôrem, é commeter grave crime, e é de esperar que os homens dirigentes alumiados por um sã criterio, tendo em toda a attenção os ensinamentos da historia dêem treguas a vaidades mal entendidas, depõem as armas aceradas com que se estão combatendo e se unam todos, como um só homem, em volta desta querida patria, para a servirem dedicadamente, para a avirem e dizerem como o poeta:

Esta é a ditosa patria minha amada.

Então as nações cultas nos prestarão todas as honras; então teremos a inviolabilidade da lei, a firmesa da justiça, a intangibilidade da ordem. Seremos um povo digno, feliz. Então poderemos desassombadamente dizer: — Jam tandem.

PAUSAS DA VIDA

XVI

A defesa dos humildes

Aqui os humildes são uns figos d'India que vegetam tristemente no fundo de uma barroca, ás portas do seminario.

Quem sabe se não foram os meus os primeiros olhos que os descobriram, tanto elles são escondidos, solitarios, arredios, humildes!

Dir-se-hia que fugiram aos encontros e aos tumultos da vida, satisfeitos do misero leitão onde se recolheram, do canto do mundo que ninguém quiz! Não incommodam, não indispõem, não fazem sombra a quem quer que seja!

E no emtanto, mesmo no meio do ermo, no fundo da escuridão, os pobres figos entenderam que não deviam despir-se da sua natural defesa, dos seus feixes imperceptiveis de farpinhas doiradas.

Que quer dizer isto? quer dizer que nenhum ser, ainda o pomo mais innocente e desprezioso do mundo, pode considerar-se, esteja onde estiver, ao abrigo de certos dentes vorazes ou de um cabo exterminador; quer dizer que todo o ser vivo, por mais insignificante que nos pareça o seu logar na escala, tem o direito de se defender, e que se vier a acabar debaixo de outro mais forte, que não seja ao menos sem um grito e sem um esforço!

E lá que a natureza tem muita razão nisto que faz, di-lo á evidencia o caso doloroso que vou contar.

Repito, estou na convicção de que fui eu o primeiro que se abeirou da valla hedionda onde se aninharam aquelles tímidos. Elles mostravam-se, roxos, madurinhos, presos por um atomo, dando não sei que ideia de orelhas postizas, ao seio verde, chato, espinhoso, d'onde brotavam.

Deitei os olhos áquelle que havia de ser.

E depois dos olhos, deitei-lhe as mãos; arranquei-o da palma.

Mas eu a pensar que aquellas saliencias eram signaes graciosos, como alguma gente tem no corpo, *grains de beauté*, segundo a expressão dos francezes, e elles eram mas é verdadeiros arsenaes, verdadeiros depósitos de armas!

Mal a victima se sentiu agarrada, atirou-me ás mãos uma infinidade de settas. Eu não era capaz de comprehender como é que munições tão abundantes se podiam accommodar na capa de um figo! Erguia as mãos á altura dos olhos, e vi-as, no fundo azul, como que eriçadas de cabellos finos, hirtos, metallicos, ora espalhados, ora em pequenas molhadinhas pesadas e diabolicas.

Livre-me d'elles com um trabalho d'unhas delicado e perseverante.

Depois, pouco ufano da minha victoria, abri o fructo. Elle mostrou o ventre, carnoso, a escorrer gottas de côr de vinho. Não gostei, atirei-o fóra; mas nesse momento senti alguem dentro de mim que me perguntava terminantemente que mal me tinha feito aquelle figo para eu o tratar de maneira brutal. Essa mesma reprehensão da natureza ultrajada, esse mesmo clamor do innocente que morre ás mãos do mais forte, repetiram-no durante muito tempo os fragmentos que ficaram enterrados na pelle, e que a feriam, que a avermelhavam!

Loanda, 16 de Setembro de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Curiosidades

Ultimas palavras proferidas por D. João de Castro, na presença das auctoridades civis e militares.

«Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao Vice-Rei da India faltam n'esta doença as comodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado.

Vim a servir, não vim a commerciar no Oriente: a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho e empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixelas.

Hoje não houve n'esta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha, porque nas armas que fiz, salirei comiam os soldados os prameiros do Governador, que os soldos do seu Rei; e não é de espantar que esteja pobre um paê de tantos filhos. Peço-vos que emquanto durar esta doença, me ordeneis da Fazenda Real uma honesta despeza e pessoa por vós determinada, que em modesta taxa me alimide.»

Jurou depois sobre os Santos Evangelhos que nada em sua vida havia tomado que alheio fosse, pedia perdão a todos e nos braços de S. Francisco Xavier expirou d'ahi a pouco.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

A leitura d'um livro francez, *L'Afrique noire*, publicado ha poucos mezes, é o motivo d'esta minha carta que constituirá para os meus raros e aborrecidos leitores uma formidavel decepção, pois não de estar convencido de que eu, num momento de bom senso, quebrei para sempre a penna.

Mas ainda não foi d'esta. Que tenham paciencia e generosidade. Mais do que isso—coragem, porque o assumpto de que vou tratar é desanimador.

O *L'Afrique noire* tem um capitulo sobre os Portuguezes e o seu *methodo colonial*. Foi por elle que comecei a leitura, invadindo-me logo ás primeiras paginas uma tristeza enorme.

Ha muito que eu vou verificando que nos falta quasi completamente o senso pratico e administrativo que caracteriza, por exemplo, os inglezes. Não cuidando com esmero do que nos está em casa, muito menos o poderemos fazer relativamente ao que nos fica longe. Soubemos descobri-lo e occupa-lo, não temos sabido aproveitá-lo, e não saberemos talvez mantê-lo. Revelámos genio aventureiro e navegador, mas não ha maneira de nos revelarmos bons exploradores e bons administradores.

Isto sei-o eu ha muito tempo, e sei mais que as nações estrangeiras têm formada a nosso respeito, sob este ponto de vista, opinião pouco favoravel. Não desconheço a campanha que Cabdury e os seus collegas tem feito contra nós, nem ignoro as pretensões da Allemanha e da nossa secular alliada.

Sei tudo isto, mas ainda assim as paginas do *L'Afrique noire* surprehenderam-me e bem dolorosamente, porque a ambição d'alguns chocolateiros e de duas poderosas nações encontra eco entre os publicistas que, implicitamente a pretendem justificar com razões e com factos cuja existencia nós mesmos nem sempre conseguimos occultar.

Tentarei resumir as citadas paginas:

Depois de fallar das nossas navegações e descobrimentos, o capitão Meynier, professor de uma escola militar franceza e auctor do referido livro, trata rapidamente dos nossos primeiros trabalhos coloniaes, allu-

dindo á intervenção que os jesuitas nelles tiveram. Nota que, depois da extincção da Companhia de Jesus, Portugal abandonou as suas colonias tornando-se um «satelite da Inglaterra», e despertando apenas quando, na segunda metade do século XIX, a Europa se lançou sobre o continente Africano. Pensava talvez na organização d'um grande imperio na Africa austral, quando a sua fiel allia da lhe impoz o tratado de 1891 que separou a Angola de Moçambique.

O dominio colonial portuguez é grande ainda, continúa Meynier, mas saberão os seus possuidores explora-lo em interesse proprio e em proveito dos indigenas? Não tem duvida nenhuma em afirmar que não e conclue com estas palavras que me entristecem profundamente: «As colonias portuguezas estão, pode dizer-se, sob um regimen de oppressão. Conforme a metropole atravessa um periodo de prosperidade ou de fraqueza, assim o poder é nellas assegurado violentamente, ou abandonado de todo. As populações negras ou são opprimidas ou deixam-se em completa liberdade. D'isto resulta uma falta de equilibrio e um estado de anarchia constante.

«Os colonos, por sua vez, tratam apenas de enriquecer, á custa dos indigenas. A escravatura pratica-se em toda a parte, embora disfarçada ás vezes sob o nome de engajamento. A diffusão da religião e da instrucção não tem influido sensivelmente no desenvolvimento intellectual e moral do preto. Submettido a um trabalho forçado, nem tem adquirido iniciativa nem modificado o caracter: encontra-se, pode dizer-se, no seu estado primitivo.

«Como não ha-de concluir-se d'isto que não compete a um estado pequeno, decadente moral e economicamente, fazer uma obra de colonisação sã e duradoira?»

Estas palavras deveriam ser meditadas por todos os portuguezes, e especialmente pelos que têm a responsabilidade dos negocios publicos. Ellas exigem um desmentido completo, mas feito com factos que demonstrem a nossa capacidade administrativa, se por ventura a temos.

Esse desmentido constitue a ansiosa aspiração de todos os portuguezes sinceros que não

Um caso de philosophia moral.

(CONTINUAÇÃO)

E tanto é verdade que ser algoz não é deshonra nenhuma, nem coisa que obrigue a uma cara postica, a uma cara de papelão, que, aqui ha alguns annos, quando o logar foi posto a concurso num certo paiz, appareceram a disputar o personagens não despreziveis, e entre elles dois individuos diplomados. Ora eu não posso deixar de concordar que as universidades não foram instituidas precisamente com a ideia de formar e de fornecer carrascos ao mundo, mas tambem é certo que

perderam ainda completamente as esperanças do resurgimento d'este paiz. Nesse numero se inclue o

Seu do coração,
A. B. C.

AS MINHAS CARTAS

XVIII

As canções populares são o traço fundamental do caracter de um povo.

E' cantando, é dizendo alto ás auras, em tonalidades mais ou menos vivas, as suas alegrias ou as suas tristezas, que elle se nos revela, patenteia e difine.

A musica é a mais alta manifestação de sentimento nacional, sendo a mais completa e perfeita — é a manifestação artistico-philosophica da alma das nações.

E' pelo canto que o povo gaullez exprime a jovialidade do seu caracter revolucionario. E' pelo canto que a Italia patenteia a limpida placidez dos seus lagos e nos recorda serenas noites d'outra, passadas em gondolas, sobre as aguas dormentes de Veneza. E' pelo canto que as mães polacas ensinam aos filhos a amarem, ainda, a sua Pátria extinta.

E' pelo canto que surprehendemos nos bretões a influencia das neblinas do céu de Inglaterra. E' pelo canto que podemos ver que a Alsacia-Lorena, não está identificada com a Alemanha; e é por elle, ainda, que sentimos nas tristes melopeias da Scandinavia aquella profunda melancholia que é como que o gemer e o soluçar do vento em ramadas alpestres.

As canções de cada paiz, de certo, devem muito do seu caracter intrinseco ás influencias mesologicas e ás condições climaticas da região. O seu rythmo exprimindo alegria ou dor, vivacidade ou monotonia, espiritalismo ou materialismo, é testemunho evidente da vida dos povos.

Daes as canções d'um povo e definir-vol-o-hei — diz uma alta mentalidade.

E para justifica-lo bastará, apenas, recordar as canções hespanholas. Ouvi-las é bastante para que se nos communique a franca alegria, que é o seu timbre, e para que nos sintamos possuidos de vivo entusiasmo por aquella extraordinaria simplicidade que as completa.

Os cantos populares e as danças da outra parte da Peninsula são inteira prova de que as canções traduzem toda a manifestação da alma d'uma sociedade, affirmando, ao mesmo tempo, que a expansão e a alegria das raças hespanholas sobrelevam as da gente portugueza.

A Hespanha tem *chulos*, como Franca *souteneurs*, a Italia *lazarones* e o Brazil *capoeiras* que são a escumalha social; todavia a Hespanha, e nenhum d'estes povos entã canção alguma tão triste e dolorida como o nosso *Fado*, sem-

um diploma de bacharel na mão d'esses intrepidos funcionarios daria aos seus officios qualquer coisa de mais elevado, de mais pulido e de mais academico. Entã a morte de um condemnado não seria o acto desgracioso e mechanico de um carneiro que abate um boi no seu matadouro, seria uma operação de alta cirurgia feita na Salpêtrière por um medico de nomeada.

Deixemo-nos de ironias, minha irmã. E' mau signal para a pena de morte, não poder executar-se sem a cumplicidade e o ministerio de um ente abjecto. Atraz d'esse artigo do codigo está logo um grande sujeito de clava nas mãos cabelludas prompto a atirar á cabeça das victimas. Não se podem entender um sem o outro; são os dois termos de uma

pre cheio de melancholia, sempre suspirando e gemendo desgraças, sempre doente de fatalismo.

Portugal tem o *fadista* que em nenhuma outra parte se confunde; como, tambem, em nenhuma outra parte o povo, modificado embora por outras civilisações e diferentes climas, desferre canção tão profundamente maguada e tão profundamente doentia.

O *Fado*, por ventura, nascido do marulho das ondas, (1) a que os nossos marinheiros se aventuraram em frageis caravelas, por «mares nunca d'antes navegados», só começou a ser cantado pelo povo, em meados do seculo passado. E só pelo povo do sul, porque o do norte teve noticia d'elle muito mais tarde, vulgarizando-o pouco.

A triste canção começou a difundir-se depois das luctas internas que devastaram o Paiz, deixando a morrer de fome as classes pobres. E foram ellas, essas legiões esfarrapadas de homens, mulheres e creanças, que primeiro aprenderam a canta-la, para exprimir, assim, a miseria que as opprimia.

O *Fado*, abertas as portas do Bairro Alto e de Alfama, viéra para entre o povo para que este chorasse, com elle, cantando-o, as muitas vindictas praticadas.

Mais tarde entrou nos salões, mas a Nação não ficou menos opprimida.

O caracter nacional fa perdendo pouco a pouco, aquella velha inteireza que foi apanagio dos nossos maiores.

Portugal, desde que canta o *Fado* tem-se atrazado, cada vez mais, das outras nações da Europa. E o povo, como que tendo a intuição d'isso, deixou de o cantar para o chorar.

Camillo Castello Branco só gostava do *Fado Corrido*, mas eu não gosto de nenhum. E não gosto de nenhum por tudo.

Não gosto de nenhum porque o *Fado* canta sempre a chorar, canta tudo com lagrimas, canta sempre miserias, canta sempre dores. Até o *Amor*, bello como a Natureza florida, até esse, elle diz a chorar!

E namorados, já viram como elle os canta? Nas suas notas diz sempre d'elles deslealdade. Nas suas estrophes nada mais ha que affastamentos e desventuras, em vez de felicidade, união d'almas ligadas estreitamente pelo sentimento, para jornadaarem, existencia fóra, cheias de confiança e a rir.

O *Fado* é todo fatalista.

A guitarra é a navalha, o vinho e a mulher de má nota, desde sempre tem acompanhado o *fadista* na sua odyssea. As alfurjas e as espeluncas tem sido o seu theatro de façanhas.

O *Fado*, cantado no seio da miseria saiu de lá com o estigma da desgraça.

Eu não gosto do *Fado* por

(1) Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. 1.º, pag. 36; e L. A. Palmeirim, *Galeria de Figuras Portuguezas*, pag. 114.

relação, são os dois pratos de uma balança.

A sociedade não é um prodigio de logica quando dá as suas graças á pena de morte e não reserva senão desprezos e sarcasmos para o executor. Eu sempre ouvi dizer que em materia moral, o mandante e o mandatario andam envolvidos nas mesmas responsabilidades e não se podem desculpar um com o outro. A sabedoria popular, segundo o seu costume, traduziu este axioma juridico numa phrase picante, pittoresca e sentenciosa: tão ladrão é o que vae ás uvas como o que fica ao portall! Saulo a guardar a roupa dos sicarios que lapidaram Estevão, tornou-se responsavel por aquellas pedradas!

A luz d'estes principios, que são

tudo—pela monotonia da sua musica, pela doenca das suas coplas.

No *Canto Coral*, João Arroyo pede ao povo que não cante o *Fado*. Que enquanto o ouvir cantar Portugal não progride; que a Nação está doente.

E deve ser verdade.

Paulo Stacio.

Dr. Orlando Rego

O nosso illustre conterraneo e amigo sr. Dr. Orlando de Mello Rego, distincto advogado em Lisboa, acaba de alcançar um triumpho como defensor do supposto conspirador Antonio Martins que ficou absolvido. Regosijamo-nos vivamente com este facto, que honra a nossa terra, e enviamos ao Dr. Orlando Rego, com um apertado abraço, as nossas mais cordaes felicitações.

Transcrevemos a seguir o extracto que o diario lisbonense, *A Republica*, publicou do discurso do illustre advogado:

Levanta-se para falar o advogado de defesa, o sr. dr. Orlando Rego.

As suas primeiras palavras, começa o sr. dr. Orlando Rego, serão de homenagem e de profundo respeito pelo venerando juiz presidente d'aquelle Tribunal. Dirige-se aos srs. jurados, saudando os tambem, pelo logar nobilissimo que estão occupando, pois representam todo o paiz luzitano, que lhes exige justiça e que elles cumprirão com a mais escrupulosa imparcialidade.

Entrando propriamente na defesa, declara que foi hoje a primeira vez que viu e fallou ao reu; está naquelle logar officiosamente, sem ganhar cinco reis e a sua situação tão grata, de defender um semelhante, honra-o sobremaneira.

Dirá, porém, que pela leitura rapida dos autos, concluiu que se estava perante um innocente.

A seguir, o sr. dr. Orlando Rego, faz uma larga e judiciosa exposição da criminologia moderna, numa bella e eloquente ordem de ideias. Os crimes politicos, sabem bem os srs. jurados o que sejam, e quanta circumspecção é necessaria para os apreciar. O que era considerado crime até quatro de outubro, foi uma acção gloriosa depois d'aquelle dia historico.

O agente do ministerio Publico, na sua bancada de accusação, expressou-se com uma paixão que fica mal no cargo que occupa. O sr. dr. Mourisca, no seu apaixonado discurso, diz, proferiu verdadeiras blasfemias juridicas. A paixão fica bem e até é nobre na defesa. Elle orador podia escusar-se de vir defender o reu, mas não o fez, porque o seu dever como advogado era vir aonde um semelhante pede justiça; era collocar-se

incontestaveis, eu ousou não fazer distincção nenhuma entre o carrasco que corta a cabeça e aquelle ou aquelles que a seguram para maior certeza e commodidade do golpe; e por aquelle ou aquelles que seguram a cabeça do condemnado, eu ousou entender, além dos ajudantes propriamente dictos, o auctor do codigo, e as côrtes que o admittiram, e os magistrados que o applicaram, e o poder moderador que assignou e confirmou a sentença do criminoso. Ou loiros para todos, ou fel para todos!

Mas não; á noite, no theatro, a mão que assignou é procurada com avido e apertada com effusão, enquanto que aquella que executou estará por ventura em qualquer galeria, escondida nos bolsos, isolada,

ao lado dos que vergam ao peso de accusações.

O seu constituinte, está ali — como diria o sr. dr. Cunha e Costa—pela razão de andar solto. Foi preso por dizer que os soldados conspiradores tinham bom rancho, o que era naturalissimo, visto que os militares de Chaves, se queixavam da comida que lhes era distribuida.

O sr. dr. Orlando Rego, compulsando o processo, demonstra os verdadeiros dilates que nelle se encontram, fazendo varias considerações sobre a forma como são inquiridas as testemunhas na provincia. Elle orador, fallava sem paixão, mas com o calor d'um advogado que vê cabir sobre um reu a pena brutal e estúpida de 6 annos de prisão e 20 de degredo.

E' preciso attender-se ás causas sociaes, antropologicas e phisicas, segundo as theorias de Lombroso, Foni, etc.

E' continuando, destroe algumas das affirmações do agente do ministerio publico, com copiosa e cerrada argumentação.

A inquirição de testemunhas, pelo que se vê do processo, é tudo quanto ha de mais absurdo. Pois o facto de uma testemunha dizer que esse homem é conspirador é motivo bastante para se sentar no banco dos reus. Lê alguns depoimentos de accusação, mostrando as contradicções flagrantes em que as testemunhas caem, pois não apresentam provas concretas.

Onde se estabeleceu a identidade entre o *homem qualquer* e o *individuo*, o *tal sujeito*, a que se referem alguns d'esses depoimentos, falhos de senso, e o homem que ali se encontra!? Juridicamente só se deve julgar pelas provas, e provas não as ha.

Citando diversas passagens do processo, acaba por affirmar que lhe falta até o proprio senso commum.

Disse-se que o meu constituinte pretendia aliciar, mas eu demonstro que isso é falso!

—Perdõem os srs. jurados, mas este processo precisa ser escalpelizado, porque se joga com a pena formidavel de 20 annos de degredo.

Pergunta: em virtude das nulas provas, merece condemnação um desgracado, como é o seu constituinte?

A Republica não precisa fazer conspiradores, — exclama. O seu constituinte não precisa de atenuantes, porque não é criminoso, e é portanto uma injustiça e uma crueldade pedir 20 annos de degredo contra o desgracado innocente, que tem 5 filhos aos quaes o Estado não dá pão.

Os jurados não vão aii para defender a Republica, a monarchia ou qualquer outro regimen, mas para cumprir o sacrattissimo dever de julgarem o seu semelhante, dando-lhe o destino que as suas rectas consciencias lhes ditarem.

Confia na justiça dos srs. jurados, a cujo espirito intelligentissimo bem se evidenciou, com certeza, a innocencia do réu.

O distincto advogado, que havia falado durante hora e meia, terminou entã o seu discurso.

excommungada, precisa.

Poderá modificar-se uma attitudão tão desegual? Eu creio que não. *Mastro Tita* pôde compor-se, pôde fazer-se um homem elegante, pôde apparecer nas revistas illustradas no meio dos seus canteiros, a limpar as suas flores com uma thesolra, que ninguem ha de dizer que elle que gosta de rosas, mas que está a fazer um pequeno exercicio; se calça luvas, e para esconder as unhas vermelhas de sangue. Está visto, pois, que o genero humano não transige com o carrasco, antipatiza com elle, tem-lhe uma embriração dos demonios; mas, repito, não me parece logico.

Será certo que um patibulo armado numa praça publica é uma especie de vaccina social contra a

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Baptizado—Baptizou-se, num dos ultimos dias, uma creança do sexo masculino, que recebeu o nome de Manuel, filha da sr.ª Maria Coelho de Magalhães.

Chuvia no campo—Tem por aqui chovido muito, de tal maneira que andam inundados os campos marginaes do Vouga.

Movimento ferro-viaro—A nossa estação tem tido, ultimamente, um movimento extraordinario, principalmente de mercadorias, entre as quaes avulta a chichoria, que se cultiva aqui em grande escala.

E' bom que isto se divulgue, a ver se se reconhece a esta terra a importancia bastante para merecer... um ajudante de registo civil.

Angelo Vidal—Está a desempenhar, interinamente, o cargo de Reitor do Lyceu Rodrigues de Freitas o nosso querido amigo e conterraneo sr. Angelo Vidal, um dos mais estimados colaboradores d'este jornal.

Sem desconhecer que as suas occupaçoes officiaes lhe tomam todo o tempo, esperar-se que continuará a honrar-nos e a deliciar os leitores com as suas tão apreciadas gazetilhas.

Deve sustentar-lhe, bem sabemos, mas que se lembre que o que custa é o que Deus e nós agradeceremos.

Subscrição a favor do sr. José Rodrigues Felizardo, digno carteiro d'esta freguezia, que se encontra enfermo ha muitos mezes:

- Alfredo C. Magalhães. 2\$500
Sebastião C. Magalhães . 500
José C. Magalhães. . 1\$000
A. Liborio Rocha. . . 500
Um anonymo . . . 3\$000
Alexandre Fernandes . . 1\$000
Cyrillo Larangeira. . . 10\$000
Manuel Gomes Marques . 500
José Gomes Marques . . 500
Manuel dos S. Vagueiro . 500
João Luiz F. d'Abreu . . 500

Gafunos—Continúa a rouba-lheira das gallinhas e já começou, melhor diremos, recomeçou a dos cachos.

Visto as auctoridades terem dado sobejas provas de incuria, o melhor é cada um fazer-se policia de sua casa.

Na Feira dos 3—Informamos de que na feira nova, realisada no dia 3, se deu um facto que deverá ser considerado como um abuso de auctoridade.

O caso é este: Vir três mulheresinhas costumam ir áquella feira vender agulhas, linhas e outras miudezas. No dia 3, depois de occuparem os respectivos logares, que haviam demarcado, cada uma com quatro paus espetados no chão, formando quadrado, avizinham-se d'ellas os arrematantes do real que, salvo erro, são da

multiplicação dos grandes criminosos, contra a invasão dos facinoras?

Se fosse assim, os seus trabalhos deveriam cessar á primeira execução, ao primeiro exemplo, ou pelo menos succeder-se a largos espaços. Mas não é isto o que se tem visto. A guilhotina é uma progressão. Uma vez encarrilada, augmenta de velocidade de dia para dia. Não pôde contar com as estatisticas para ganhar os seus fóros de represora.

Eu reduzo a tres grandes classes o gibiere de la potence, como dizia Molière: os cynicos, os impetuosos e os esperançados. Os cynicos, quer dizer, os que não tem nenhum ideal deante de si, e que portanto não se importam de cahir em qual-

Oliveirinha, e, sem tratarem de averiguar se ellas tinham ou não licença, arrancaram os paus e estragaram até, parece-nos, alguns dos objectos expostos á venda.

O processo de que os arrematantes se serviram é irregularissimo. O que deviam fazer era participar á junta a sua suspeita de que as tendeiiras não tinham licença, para aquella corporação se informar da verdade e applicar as respectivas multas, desde que houvesse motivo para isso.

Esta maneira de resolver a questão, além de legal e honesta, tinha a vantagem de fazer entrar nos cofres da Junta algum dinheiro do que ella bem precisa.

Anniversarios

Fazem annos: Na segunda-feira—O sr. Carlos Rodrigues de Figueiredo. Na terça-feira—O sr. Edmundo Coelho de Magalhães.

Tambem fizeram annos, no dia 8, a menina Zélia da Conceição Magalhães e o nosso presado conterraneo e amigo sr. José Gomes Marques, residente no Estoril. A todos, as nossas cordeas felicitações.

Tambem cumprimentamos, pelo seu anniversario natalicio, que passou ha dias, as meninas Margarida d'Assumpção Aurelia, Maria Alcarrão e Adelia Coelho da Silva.

Doentes—Passam incommodados o sr. João Simões Pereira, digno presidente da commissão administrativa, e a sr.ª Maria da Anunciação Parrucha.

Desejamos-lhes rapidas melhoras.

Tambem está doente o sr. David d'Albuquerque Rocha, illustrado 2.º tenente da Armada. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Estadas—Vindo do Estoril, encontra-se aqui o nosso amigo sr. Viriato Moreira Longo.

De visita ao seu tio, sr. padre Manuel da Cruz, estiveram aqui, no domingo, os srs. Manuel da Cruz Pericão e Luiz Vieira dos Santos, estudantes do lyceu de Aveiro.

Partidas e chegadas—Regressaram de Lisboa a sr.ª D. Otília Rocha e os srs. David de Albuquerque Rocha, 2.º tenente da Armada, e José Litorio Ferreira, proprietario e capitalista.

PELO DISTRICTO

Fallecimentos—Falleceu em Pinheiro a sr.ª Anna Linhares, mãe do sr. Antonio Pires dos Santos, empregado superior dos caminhos de ferro. A extincta contava 85 annos e era muito estimada pelas suas virtudes, sendo por isso a sua morte, vivamente sentida.

Tambem falleceu, no visinho logar das Azenhas, o sr. dr. Antonio Tavares Xavier, juiz de Direito do Ultramar, que estava ha tempo no continente em gosó de licença. O extincto era casado, ha três annos, com a sr.ª D. Maria

quer ponto do caminho da vida; os que sahem de manhã da prisão, e entram á tarde, pelos mesmos motivos; os que não tem olhos para ver no carrasco nem uma deshonra para a sua vida nem uma infamia para a sua memoria; os que nem mesmo sabem e apreciam o que é a deshonra, o que é a infamia; mentes entorpecidas corações apagados!

A guilhotina pôde berrar como um energumeno aos ouvidos d'estes anestesiados, d'estes comatosos, que elles não ouvirão; pelo contrario, á medida que se multiplicarem os exemplos, o horror diminua, por cansa... da boa camaradagem!

Em segundo logar, os impetuosos, os desvairados: os que vão directos ao seu crime como uma bala

Rodrigues Lopes da Costa, e irmão do digno prior de Requeixo. Deixa dois filhos de tenra idade. A's familias enluctadas enviamos sentidos pesames.

Dr. Lourenço Peixinho

Consultas todos os domingos na Pharmacia Brito—Pinheiro (S. João de Loure).

Das 9 horas em diante (Gratis aos pobres)

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 8

Acompanhado de sua esposa esteve no Cartaxo, d'onde é natural, o nosso dedicado amigo sr. Manuel da Costa Jerego que foi tratar dos seus negocios e juntamente baptisar uma filhinha que recebeu o nome de Julia, sendo padrinhos, o sr. José Gregorio Monteiro, tio da neophita, e a sr.ª D. Julia da Costa.

Entre as numerosas pessoas que assistiram ao acto civil, depois confirmado na egreja, por desejos manifestados pela madrinha, occorrem-nos os nomes das seguintes: Gertrudes Jacintha da Costa Jerego, Maria Jacintho Monteiro e Antonio Gregorio Monteiro.

Após a cerimonia religiosa foi servido a todos os convidados um delicioso jantar que decorreu no meio da maior alegria, levantando-se á sobrezeza muitos brinches.

Felicitações o sr. Jerego e a sua esposa e fazemos votos por que a sua galante filhinha tenha uma vida cheia de felicidades.

O sr. Costa Jerego, antes de regressar á capital, fez uma bella caçada com alguns dos seus amigos, entre elles os srs. Simões Serralheiro, Antonio Cunha e João Paciencia. O sr. Cunha matou 4 coelhos e 3 codornizes; o sr. Simões Serralheiro, uma lebre; o sr. Jerego, 4 gallinholas; e o sr. Paciencia não lhe faltou... paciencia para ver e deixar fugir a caça.

O sr. Costa Jerego teve a amabilidade de nos convidar para uma calderada de gallinha, preparada pelo amigo Baeta Junior, a qual estava mesmo de tentar os deuses. O Baco, por exemplo, não teve coragem de lhe resistir.

A colonia de Lafões, residente nesta cidade, resolveu representar ao governo, pedindo que a linha do Valle do Vouga siga pelo lado esquerdo do rio, o que será de grande utilidade para aquella terra.

E' de justiça que os habitantes de Lafões sejam attendidos, e não de sel-o, porque têm á sua frente homens que se interessam a valer pela sua terra. Assim tivessem os povos de S. João de Loure e Alquerubim e nunca o caminho de ferro teria seguido por Agueda, o que lhes causa enormes transtornos obrigando-os a dar á volta por aquella villa quando precisam de ir a Albergaria.

Tem passado incommodada de saude a sr.ª Emilia Dias da Silva cujas melhoras desejamos.

Foi aqui muito sentida a morte do sr. dr. Xavier, das Azenhas (S. João de Loure).—Correspondente.

S. João de Loure, 4

(PARTICULAR)

A estrada, que vae d'aqui a Albergaria-a-Velha, encontra-se num estado miseravel, principalmente nas alturas do Pica-boi, sendo preciso muitas vezes que os carros deixem a estrada, e atravessem pelos pinhaes.

Lembramos ao sr. vereador a necessidade urgente de tomar providencias sobre o assumpto.—J. P.

vae direita ao seu alvo, sem olhar para os lados; os que se pregam por assim dizer ao momento presente, ao momento horroroso que passa, como uma ostra se pega ao rochedo, esquecendo o passado, renunciando ao futuro, reduzindo a vida a um ponto; aquelles para quem a lei suprema nessas horas infernaes é o seu sangue que cachôa nas veias.

Está bem de ver que não seria a estes miseros mal educados que aproveitariam as lições do verdugo; elles consumiriam o seu delicto nos proprios degraus de um cadafalso em fúneção.

Finalmente, os esperançados: os que têm uma plena confiança no seu talento de escapar á justiça; os que crêem que os guilhotinados

Troviscal, 8

O recenseamento da população nesta freguezia, a cargo dos recenseadores Manuel Joaquim de Carvalho, Antonio Simões Rato, ambos da Povoa do Forno, e Manuel dos Santos Pereira, da Povoa do Carreiro, tem corrido regularmente.

O sr. Manuel d'Oliveira Novo, da Povoa do Forno, acha-se detido sob incommunicabilidade numa das celas do Cnovento de Jesus, d'Aveiro, por suspeito de ter tomado parte numa aggressão á sentinela que estava de guarda aos presos politicos tambem detidos no mesmo convento.

Nós, que conhecemos bem o sr. Oliveira, julgamo-lhe inteiramente incapaz de praticar semelhante proeza, tanto mais que é creatura de bom comportamento, que nunca fez mal a uma mosca. Que seja restituído muito brevemente á liberdade é o que do coração lhe desejamos.

No proximo domingo ha-de realizar-se na egreja publica desta freguezia a assembleia geral dos irmãos da Irmandade das Almas, afim de deliberarem sobre a reforma dos estatutos da irmandade, harmonisando-os com as disposições da Lei da Separação.

O tempo vae correndo de puro inverno.—C.

Nojões (Castello de Paiva), 6

Ha largos annos que o lho paivense vive com a esperanza de lhe chegar um dia a consoladora noticia de que vae realizar-se, finalmente, o projectado caminho de ferro.

Não ha muito tempo ainda que a camara paivense representou ao governo, mais uma vez, pedindo justiza para as suas reclamações que são justas, estando ainda á espera de que os deputados por este circulo secundem a sua iniciativa.

Castello de Paiva, que ia progredindo de anno para anno, parece estar agora votado ao esquecimento.

E' preciso que todos os seus habitantes, por meios ordeiros e honestos, façam constar ao Governo as suas necessidades mais urgentes.

Chegou, finalmente, o azeite hespanhol, que está a ser vendido por conta da camara.

Deve retirar, por estes dias, o sr. Luiz do Valle, escrivão de fazenda, logar que desempenhava ha 11 annos.

E' um homem honrado que sae d'aqui, apenas por que a lei assim o determina, deixando em todos, que com elle privaram, muitas saudades.

Os seus amigos tencionam offerecer-lhe um lauto jantar.—Luso-Paivense.

Barreiro, 1

No dia 6 do mez passado, teve logar uma corrida de bicycletes, entre as villas do Seixal e Barreiro, que ficam á distancia uma da outra de 80 kilometros aproximadamente.

Entre os corredores destacou-se o sr. Silverio Gonçalves da Cunha, natural d'ahi, mas que está aqui ha alguns annos, como empregado da importante padaria Aveirense de que é proprietario e estimado filho d'Eixo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

O sr. Silverio Gonçalves obteve o 3.º premio, tendo feito o referido percurso em 83 minutos. Felicitamo-lo.—Um barreirense amigo d'Eixo.

ABC illustrado

ANGELO VIDAL

Toda a correspondencia, relativa a este jornal, deve ser dirigida ao seu director para o Porto, rua do Commercio do Porto n.º 124-B.

constituem a parte inhabil dos criminosos. O cutello, a estes, só os obriga a tomar alguma precaução a mais.

Não tenho a pretensão de ter feito uma enumeração completa; mas estou convencido de que, á excepção dos innocentes, dos martyres, todo o condemnado, a execução capital poderá entrar ou pelo menos approximar-se de qualquer dos grupos mencionados.

Não ha nada, porém, que possa valer este argumento-brutal: Deibler não se queixa de anno para anno da diminuição de honorarios—nem do ordenado de categoria, como se costuma dizer em linguagem orçamental, nem da propria gratificação de exercicio! Deibler não está descontente da maneira como as coisas

Horarios dos Comboios

VALE DO VOUGA De Aveiro a Albergaria-a-Velha

Table with columns for station names (Aveiro, Eixo, Eiol, Travassó, Cabanões, Cazal de Alvaro, Oronha, Mourisca, Aguilha, Carvalhal da Portella, Macinhata, Jafafe, Sernada, Albergaria-a-Velha) and arrival/departure times (M. T.).

De Albergaria-a-Velha a Aveiro

Table with columns for station names (Albergaria-a-Velha, Sernada, Jafafe, Macinhata, Carvalhal da Portella, Aguilha, Mourisca, Agueda, Oronha, Cazal de Alvaro, Cabanões, Travassó, Eiol, Eixo, Aveiro) and arrival/departure times (M. T.).

De Espinho para Albergaria sai ás 8,30, e chega á 10,32, da manhã; e ás 6,30, e chega ás 9,13 da tarde. De Albergaria para Espinho sai ás 6,53, e chega ás 9,20 da manhã; e ás 2,37, e chega ás 5,20 da tarde.

TRAMWAYS:—Sahida de Aveiro para o PORTO, de manhã, ás 5,30, 9,50, 11,27.—De tarde, ás 2,22 e 5,55.

Do Porto para Aveiro, de manhã, ás 7,30, e ás 11,20.—De tarde, ás 2,13 e 5,20.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

PORTUGAL NA CRUZ

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

correm! O lustre da casa de Deibler é indicio de que o mister fructifica e progride! Esse homem é um syllogismo vivo que não exalta demasadamente o terror salutar que inspira ás espheras criminosas a vista do supplicio!

E tanto é verdade que a força não anda de rastos. não obstante as suas cordas se acharem delidas do trabalho de tantos seculos, que ultimamente começaram a apparecer homens diplomados, homens bachareis, aos concursos de executor.

(Continua)

BISPO DE ANGOLA E CONGO.



ABC ILLUSTRADO

A venda em todas as livrarias.

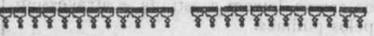
Manuscripto das Escolas Primarias

Manuscripto das Escolas Primarias por Angelo Vidal. Edição da Livraria Fernandes. Suc. J. Pereira da Silva. 44—Largo dos Loyos—45 PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor. De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte. Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle. (Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO POR VIEIRA DA COSTA E OS TRISTES POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

ANGELO VIDAL

A venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado. Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—2300 reis.

LÉON TOLSTOI Ao Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200. O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200. Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100. (O Bom senso do) A Razão d'um Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança. 2.ª edição. 1 vol., 300. A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100.

A venda em todas as Livrarias

LIVRARIA CENTRAL DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahentes dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua novo sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuvas Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR Ferreira Manso (V. LHACO) PUBLICAÇÃO QUINZENTAL 50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

Table with columns for dates and times, likely a calendar or schedule for the month.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

ESCOLAS PRIMARIAS (Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc. Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal. Poemas e monologos para creanças. Com o retrato do auctor. Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS. Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho.—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMÁTICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA. Elaborada segundo os actuaes programmas

ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA. Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de

Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. 400 reis

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção: R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA

Table with columns for region and price: Portugal—anno 1\$200, semestre 600, Africa—anno 1\$500, Brazil—anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. 10 reis. Comunicados, cada linha. 20. Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento. Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção--R. do Commercio do Porto, 124-B--PORTO

Em. In.

4.º ANNO—N.º 48.